

LUGARES DE PARTIR, LUGARES DE VOLTAR:
ESPAÇOS DE REGRESSO NA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

JOAQUIM TORRES COSTA

UNIVERSIDADE ABERTA — CENTRO DE ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES
E DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS

**1. Percurso migratório, regresso
e “mitologia do enraizamento”**

A migração, porque fenómeno de transposição fronteiras (objectivas e subjectivas), porque envolve os que ficam e os que partem, os que chegam e os que recebem, fornece um campo de observação multifacetado às formas e modalidades de *territorialização das identidades sociais*. Desse conjunto de abordagens possíveis que o fenómeno migratório oferece à análise da relação dos comportamentos e representações sociais com o espaço e com o território, escolherei nesta comunicação uma dimensão específica: o *regresso*.

Começaria por chamar a atenção para que o regresso (real ou imaginado, projectado ou concretizado), enquanto momento dos percursos migratórios, se apresenta à análise como um terreno especialmente favorável ao desenvolvimento do que poderemos chamar *mitologias do enraizamento*, isto é, de construções discursivas que tendem a organizar-se de dois eixos fundamentais (cf. SILVA 1996): o *primordialismo* (que pressupõe uma vinculação territorial dos indivíduos independente dos processos históricos da sua produção e reprodução nas acções e nas representações dos agentes sociais) e o *essencialismo* (que pressupõe uma imutabilidade, através de todas as circunstâncias que desafiam os comportamentos adaptativos dos indivíduos e dos grupos, das vinculações originais e dos traços identitários que elas comportam).

Em face deste tipo de mitologias, profundamente incorporadas nas representações dos actores e das insti-

tuições sociais, coloca-se à perspectiva sociológica o desafio de uma verdadeira contra-abordagem que (sem descurar o papel que as simbologias do enraizamento desempenham na organização institucional ou existencial da experiência dos actores) atenda às condições históricas e sociais da produção e da reprodução da vinculação ou da referência a territórios ao longo dos percursos migratórios.

2. A construção social da “orientação para o regresso”

Deste ponto visto, vale a pena lembrar aqui, muito esquematicamente, três linhas de investigação histórica, sociológica e antropológica do fenómeno migratório cujos resultados têm consistentemente apontado para existência de correlações significativas entre a orientação para o regresso (ou regresso efectivo) dos emigrados e certos conjuntos de variáveis sociais independentes.

A primeira dessas linhas de investigação é que atende às condições nacionais e transnacionais da emigração: nela se tem revelado que o regresso tende a ser função do papel nacional da emigração (dada a posição do país emissor nas hierarquias do desenvolvimento económico e da divisão internacional do trabalho), das políticas migratórias dos Estados e do modo como estes intervêm de forma prática e ideológica na orientação para o regresso na população emigrada (cf. PEREIRA 1981 ou MONTEIRO 1994).

A segunda dessas linhas de investigação é que atende às características regionais e locais da emigração: esta tem permitido concluir que o regresso tende a ser função do papel da emigração na reprodução das comunidades locais e das famílias, dada a posição destas na organização económica e social nacional, bem como das formas como as comunidades locais visam reproduzir, através *do culto do regresso*, o vínculo entre emigrados e residentes (cf. ROCHA-TRINDADE 1976).

A terceira linha de investigação é a que tem acentuado as propriedades e as trajectórias sociais dos migrantes ao longo do percurso migratório, apontando para a dependência da evolução dos projectos de regresso em relação às trajectórias sociais dos migrantes, nomeadamente por efeito das diferentes de estratégias agrupamento familiar na emigração, de instalação e de inserção destes na sociedade de acolhimento (cf. ROCHA-TRINDADE 1977).

Sem intenção aqui de convocar uma análise da problemática do regresso em toda a sua amplitude (considerado como etapa de um ciclo ou como alternativa de um percurso), serve esta referência esquemática aos resultados do já vastíssimo património de investigação social do fenómeno migratório para sublinhar o que nesses resultados aponta afinal, de forma sistemática, no sentido inverso do que atrás designei como “mitologias enraizamento”: *o regresso quer como representação quer como acontecimento não resulta de um predisposição imutável de um grupo ou duma comunidade para o enraizamento no país natal, mas da acção*

de circunstâncias histórico-sociais que modelam as opções migratórias disponíveis em cada momento e em cada circunstância.

3. Do território de partida ao território de regresso: uma opção socialmente construída

Não sendo o regresso nem um objectivo, nem uma etapa necessária dos percursos migratórios, mas uma modalidade condicional deles (cf. ROCHA-TRINDADE 1984 ou POINARD 1991), focar-me-ei nesta comunicação no caso em que o regresso se concretiza, e no modo como dessa concretização participam as escolhas relativas ao território.

Tomando como ponto de partida dois estudos realizados nos anos oitenta — um deles, com dimensão continental, coordenado por Manuela Silva (SILVA, AMARO, CLAUSSE, CONIM, MATOS et al. 1984), e o outro coordenado por Maria Beatriz Rocha-Trindade centrado na diocese de Coimbra (ROCHA-TRINDADE, JACINTO, CORDEIRO e SANTOS 1987) — sobre amostragens suficiente representativas da realidade portuguesa para que as suas conclusões pudessem ser tomadas como retratando validamente as tendências gerais da emigração de regresso, atenderei aqui àquela verificação que nesses estudos remete para o tema desta comunicação. Trata-se do facto de que *os emigrantes portugueses regressavam massivamente, à data desses estudos, aos concelhos e mesmo às freguesias de partida* (90% segundo o estudo nacional coordenado por Manuela Silva, 92% no estudo coordenada por Maria Beatriz Rocha-Trindade na diocese de Coimbra).

No entanto, e desde logo, a ventilação dos resultados realizada nesses mesmos estudos permitia detectar, sob este facto massivo do regresso aos locais de partida (facto particularmente favorável ao desenvolvimento do que há pouco chamei mitologias do enraizamento), a existência de um conjunto de modulações e diferenciações socialmente significativas. Assim, por exemplo, o regresso aos locais de partida era superior à média nos concelhos rurais, nos migrantes regressados de idade mais avançada ou entre aqueles, por exemplo, que tinham emigrado para França (presumivelmente por força da menor qualificação profissional dos emigrantes com esse destino quando comparados, por exemplo, com os emigrantes para a Alemanha) e inferior à média nos casos opostos, isto é, entre os emigrantes regressados aos concelhos urbanos, com idade menos avançada ou que tivessem, por exemplo, emigrado para a Alemanha. Em suma, uma análise fina das grandes regularidades estatísticas apontava desde logo para a correlação entre certos variáveis independentes (rural/urbano, idade, ramo de actividade, qualificação escolar/profissional) e a escolha do lugar de regresso (com o consequente perfil sócio-demográfico e regional desse regresso).

Sendo certo que as estruturas de comportamento social reveladas nas estatísticas se formam, se reproduzem ou se modificam através das estratégias dos actores, o que aquelas diferenciações fazem justamente despertar é a seguinte pergunta: *como é que a opção por um território integra as decisões de regresso dos emigrantes?*

Na verdade, atendendo aos resultados da investigação social de que a emigração portuguesa tem sido objecto, tudo aponta para que a possibilidade de darmos conta do modo como a opção por um território integra a decisão de regressar envolve necessariamente um modelo interpretativo de três dimensões.

A primeira dessas dimensões é a que atende à articulação entre *emigração e reprodução social*. Com efeito, a escolha do local de regresso deve ser situada no quadro das formas diferenciadas de reprodução da existência dos grupos e comunidades no interior das quais o recurso à emigração é uma estratégia pertinente (para os que partem e para os que ficam), na medida em que essas formas de reprodução estão intrinsecamente associadas a uma forma de territorialidade (propriedade, residência, etc.). Desse ponto de vista, têm sido observadas diferenças significativas a três níveis das estruturas de reprodução: ao nível dos modelos de família e de nupcialidade (variações regionais de modelos de reprodução familiar, por exemplo, aparecem associadas a diferentes predisposições para o regresso (cf. por exemplo, ROCHA-TRINDADE 1977 e BRETTELL 1986); ao nível das formas de transmissão patrimonial (por exemplo, variações na posição familiar dos indivíduos e das suas perspectivas de acesso à herança podem reflectir-se em diferentes opções de regresso (cf. BRANDÃO 1993); ao nível da economia e das formas de propriedade nos locais de emigração — as diferenças nas formações económicas locais reflectem-se também em diferentes predisposições para o regresso (cf. POINARD 1979).

A segunda dimensão é a que se focaliza sobre as relações entre *emigração e mobilidade social*. Com efeito, as modalidades territoriais do regresso aparecem relacionadas com o modo como o próprio regresso representa para o emigrado uma condição da materialização e do reconhecimento da sua trajectória ascensional — na medida em que as condições de conversão do capital económico adquirido em formas de “prestígio” (capital simbólico) estejam mais ou menos sujeitas a limites territoriais. Desse ponto de vista, tem sido possível verificar que a tendência para regressar aos locais de partida por parte de emigrantes de origem maioritariamente rural resulta do efeito complementar de duas dinâmicas: de uma dinâmica endógena — a que dimana do controlo interno das comunidades de partida, onde se estabelecem as formas legítimas de ascensão social (como por exemplo construção de uma casa, a aquisição de um terreno); de uma dinâmica de exógena, especialmente a que resulta da impossibilidade, dada a origem social do emigrados, de estes operarem a conversão do capital econó-

mico adquirido na emigração em capital simbólico (prestígio) nos contextos burgueses e urbanos (cf. BRETTELL 1983, GONÇALVES 1996).

Finalmente, a terceira dimensão é a que atende às *trajectórias sociais na migração*. Na verdade, os efeitos resultantes das duas dimensões anteriores, tanto a que decorre o modelo estratégico de emigração escolhido como a que decorre do modelo de ascensão social, dependem, conforme as condições e estratégias escolhidas no estrangeiro, da inércia dos sistemas de disposições/aspirações dos emigrados ao longo do percurso migratório. É assim possível observar que a maior ou menor transformação dos sistemas de disposições e aspirações dos emigrantes durante o percurso migratório (por exemplo as que decorrem da educação dos filhos no país de destino ou do acesso das mulheres a uma condição social mais autónoma) produz alterações e diferenciações nas lógicas de pertença e de referência dos emigrantes aos locais de origem (cf. NETO 1986, LEANDRO 1992).

Dois campos de análise se abrem à aplicação deste modelo tridimensional. Um será o que remete para as *transformações do projecto de regresso ao longo a trajectória migratória* (do regresso projectado ao "regresso imaginado") e para os efeitos dessa evolução na transfiguração do lugar de partida de espaço físico em espaço simbólico, do território de origem em "mito" positivo ou negativo (cf, por exemplo, MONTEIRO 1993 e FELDMAN-BIANCO e HUSE 1995). Um outro campo de análise será o que remete para a consumação efectiva do regresso e, portanto, para as modalidades de pertença e de referência que estruturam *tanto as formas objectivas de reinstalação como as formas de subjectivas de apreensão dessa experiência de reinstalação no país de origem*. É neste último campo que situarei seguidamente a parte final desta comunicação.

4. Trajectórias migratórias e "modos de territorialização do regresso": um exemplo

Tive recentemente oportunidade de, no quadro de uma investigação sobre as trajectórias de emigrantes para a Venezuela entretanto regressados (COSTA 1997), de, quanto à opção que esses ex-emigrantes fizeram do seu local de regresso, me defrontar com a pertinência daquele modelo tridimensional de análise que atrás esquematizei. Apenas a título de enquadramento sumariíssimo do âmbito dessa investigação, direi que no terreno em que ela se desenvolveu, o concelho de Vila Nova de Gaia, a emigração para a Venezuela apresentou como característica localmente dominante o facto de se ter configurado inicialmente como uma emigração da e para a construção civil, no prolongamento da lógica de emigração pendular (entre as freguesias de residência e os centros urbanos locais) de camponeses parciais empregados naquele ramo de actividade.

Ora, a análise dos percursos de alguns desses emigrantes que regressaram permitiu justamente mostrar que variações nas condições de reprodução, de ascensão e de trajetórias sociais conduziram, de facto, a modalidades diferentes das escolhas territoriais no seio das decisões de regresso. Assim, de acordo com a análise realizada, foi possível reconhecer, a partir do conjunto das trajetórias observadas, a existência de três grupos cuja relação objectiva e subjectiva com o regresso, bem como as opções relativas à escolha do local desse regresso, se revelaram significativamente distintas.

O primeiro grupo, localmente dominante, é o dos ex-emigrados cujas trajetórias foram marcadas por uma sólida coerência prática entre as condições de reprodução social iniciais, as estratégias de acumulação na emigração e a lógica de mobilidade desenvolvida — a emigração vivida segundo a lógica de poupança regida pela reprodução da família alargada residente; as trajetórias adequadas às formas de ascensão social localmente aceites (aquisição de um terreno, construção de uma casa); diluição ou recalçamento dos conflitos com a comunidade local no momento do regresso; nula disposição para emigrar outra vez ou mudar de território de residência dentro do país. Foi entre os regressados deste grupo que se verificou justamente a permanência de uma forte coerência entre espaço de pertença e espaço de referência ao longo da trajetória migratória (a freguesia e até o lugar de onde se partiu), coerência que, traduzida na recusa de qualquer integração na sociedade venezuelana, resultou finalmente na decisão de regressar à freguesia de partida e num elevado grau de integração social após o regresso.

O segundo grupo é o dos ex-emigrados cujas trajetórias foram marcadas por uma incoerência relativa entre as condições de reprodução social iniciais (baixo capital económico e cultural), as estratégias de acumulação na emigração e a lógica de mobilidade desenvolvida (que conduziu entre eles a uma emigração orientada para a melhoria imediata das condições de vida da família nuclear e, por isso, a trajetórias que não se tendo conformado com os valores dominantes de sacrifício e de poupança entraram em conflito com formas de ascensão localmente aceites). Tendo regressado aos locais de partida em condições compulsivas (por força da degradação das condições económico-sociais na Venezuela) e contraditórias com os projectos migratórios de mobilidade social (nomeadamente por não terem logrado o aforro socialmente considerado como suficiente) estes ex-emigrados revelam uma relação conflituosa com a comunidade local e uma forte predisposição (imaginária) para mudar de território dentro do país (de facto, objectiva e subjectivamente contrariada pelos limites materiais e pelas lógicas de exclusão imposta pela burguesia urbana e diplomada). Verifica-se, pois, entre os regressados deste grupo uma incoerência entre espaço de pertença (a freguesia de onde se partiu e à qual se regressou) e espaço de referência (o espaço urbano a que se teve acesso na Venezuela, mas onde não foi possível permanecer) ao longo da trajetória migratória, da qual resultou uma decisão mais compulsiva do que

voluntária de regresso ao local de partida e um significativo grau de insatisfação e conflituosidade social nas relações com a comunidade local.

Finalmente um terceiro grupo, localmente pouco representativo mas socialmente significativo, é o dos ex-emigrados cujas trajetórias assentaram em condições de reprodução social inicial (especialmente por possuírem maior capital escolar e não terem sido prematuramente integrados nas formas menos qualificadas de trabalho), em estratégias de acumulação na emigração e em lógicas de mobilidade estruturalmente divergentes das dos grupos anteriormente referidos. Prevaleram, com efeito, entre este grupo de ex-emigrados a lógica de ascensão individual (por oposição às lógicas familiares), as trajetórias inicialmente orientadas para a instalação na Venezuela (segundo os padrões das classes médias urbanas) e a independência em relação às relações sociais das freguesias de partida. Em resultado disso, se o regresso a Portugal se realizou em condições relativamente compulsivas (também por força da degradação das condições económico-sociais da Venezuela), a idade média (mais jovem) e o capital cultural destes ex-emigrados mostraram-se passíveis, através de formas mais qualificadas de trabalho, de serem reinvestidos segundo as disposições e aspirações urbanas. Revelando uma relação predominantemente *instrumental* com o território de residência (determinada pela conjuntura mais favorável — emprego, escola, etc. — à família nuclear), este grupo veio, no momento do regresso, a rejeitar a instalação nas freguesias de partida (socialmente modeladas pelas formas de reprodução semi-camponesas) em favor dos modelos de residencialidade e sociabilidade urbanas (análogos aos da Venezuela) que puderam encontrar noutros locais do concelho ou da região. Observa-se assim que, entre estes ex-emigrados, a reformulação das condições de coerência entre espaço de pertença e espaço de referência ao longo da trajetória migratória, acabou, contra a lógica social e a tradição migratória locais, por excluir a decisão de regressar à freguesia de partida.

5. Conclusão

Em contraste com os pressupostos do que atrás designei como “mitologias do enraizamento”, o que estas observações (necessariamente estenográficas) extraídas de um pesquisa empírica permitem reafirmar é que, no que respeita ao território de concretização, o regresso não se realiza segundo uma lógica unívoca e intemporal de enraizamento (real ou imaginário), mesmo nos contextos sociais onde esse regresso se dirige maioritariamente para os locais de partida. Elas confirmam, pelo contrário, que é preferível, numa perspectiva sociológica bem construída, falar de *modos de territorialização do regresso* associados às condições de reprodução, acumulação e mobilidade que estruturam as estratégias dos emigrados ao longo do percurso migratório. É em função das trajetórias geradas

nessas condições social e historicamente contingentes que opera a opção pelo local a que se regressa, assumindo esta, por isso, expressões variáveis tanto no plano das formas objectivas (modelos de residencialidade, sociabilidade, mobilidade) como no plano das representações subjectivas que lhe estão associadas.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO (1993) — O bom emigrante à casa torna?, in *Emigração/Imigração. Actas do Colóquio Internacional sobre emigração e imigração em Portugal (séc. XIX-XX)*, Lisboa, Ed. Fragmentos, pp. 163-183.
- BRETTELL, Caroline B. (1983) — Emigração, a Igreja e a festa religiosa do norte de Portugal: Estudo de um caso, *Estudos Contemporâneos*, n.º 5, pp. 175-204.
- BRETTELL, Caroline B. (1986) — *Homens que partem, mulheres que esperam. Consequências da emigração numa freguesia minhota*, trad. port. Ana Mafalda Tello [1991], Publicações Dom Quixote.
- COSTA, Joaquim Torres (1997) — Percurso com regresso(s). Estratégias e trajectórias sociais num percurso local da emigração para a Venezuela, Mestrado, Porto, Universidade Aberta.
- FELDMAN-BIANCO, Bela e HUSE, Donna (1995) — Entre a Saudade da Terra e a América: Memória Cultural, Trajectórias de vida e (Re)construções de Identidade Feminina na Intersecção de Culturas, *Ler História*, n.º 27-28, pp. 45-73.
- GONÇALVES, Albertino (1996) — *Imagens e clivagens. Os residentes face aos emigrantes*, Porto, Eds. Afrontamento.
- LEANDRO, Maria Engrácia (1992) — Au-delà des apparences. L'insertion sociale des portugais dans l'agglomération parisienne, Doctorat, 4 vols., Paris, Université Paris V «René Descartes».
- MONTEIRO, Paulo Filipe (1993) — Emigrantes imigrados: da Lousã ao Connecticut, uma investigação em dois tempos, in *Emigração/Imigração. Actas do Colóquio Internacional sobre emigração e imigração em Portugal (séc. XIX-XX)*, Lisboa, Ed. Fragmentos, pp. 323-347.
- MONTEIRO, Paulo Filipe (1994) — *Emigração: o eterno mito do retorno*, Oeiras, Celta Editora.

- NETO, Félix (1986) — *Amigração portuguesa vivida e representada. Contribuição para o estudo dos projectos migratórios*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.
- PEREIRA, Miriam Halpern (1981) — *A política portuguesa de emigração 1850-1930*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- POINARD, Michel (1979) — *Le retour des travailleurs portugais*, La documentation française, Paris, La Documentation Française/Ministère du travail et de la participation.
- POINARD, Michel (1991) — *Les portugais dans l'émigration: une géographie de l'absence*, Doctorat d'État, 2 vols., Université de Toulouse — Mirail.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1976) — *Comunidades migrantes em situação dipolar. Análise de três casos de emigração especializada para os E.U.A., para o Brasil e para França*, *Análise Social*, xii, n.º 48, pp. 983-997.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1977) — *Structure sociale et familiale d'origine dans l'émigration au Portugal*, *Ethnologie Française*, vii, n.º 3, pp. 277-286.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (1984) — *O regresso imaginado, Nação e Defesa*, *Separata*, n.º 28, pp. 13.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; JACINTO, Rui; CORDEIRO, Ana Paula e SANTOS, António (1987) — *O fenómeno migratório na Região Centro. Regresso e Reinserção na Diocese de Coimbra*, 1 vols., Coimbra, Coordenação da Região Centro — Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Caritas Diocesana de Coimbra.
- SILVA, Augusto Santos (1996) — *Identities sociais: continuidade e mudança*, in *Dinâmicas multiculturais — novas faces outros olhares. Actas das sessões plenárias do III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Vol. 1, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, pp. 31-36.
- SILVA, Manuela; AMARO, Rogério; CLAUSSE, Guy; CONIM, Custódio; MATOS, Madalena, et al. (1984) — *Retorno, Emigração e Desenvolvimento Regional em Portugal*, *Cadernos IED* (8), Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.